

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – CAMPUS SERTÃO  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**LIBERDADE POR UM FIO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO  
SOBRE O CABELO CRESPO**

JULIANE DE SOUZA MIRANDA

Delmiro Gouveia - AL

2023

JULIANE DE SOUZA MIRANDA

**LIBERDADE POR UM FIO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO  
SOBRE O CABELO CRESPO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),  
apresentado à Banca examinadora do Curso de  
Licenciatura em Letras da Universidade Federal de  
Alagoas (UFAL), como requisito parcial à obtenção do  
Título de Graduado em Letras – Língua Portuguesa.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Débora Raquel  
Hettwer Massmann

**Coorientadora:** Prof<sup>ª</sup> M<sup>a</sup> Jéssica de  
Jesus Santos

Delmiro Gouveia - AL

2023

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

M6721 Miranda, Juliane de Souza

Liberdade por um fio: uma análise do discurso sobre o cabelo crespo / Juliane de Souza Miranda. - 2023.  
44 f. : il.

Orientação: Débora Raquel Hettwer Massmann.

Coorientação: Jéssica de Jesus Santos.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Análise de discurso. 2. Cabelo crespo. 3. Feminismo negro. 4. Racismo. 5. Pressão estética. 6. Gênero e raça. 7. Racismo. I. Massmann, Débora Raquel Hettwer. II. Santos, Jéssica de Jesus. III. Título.

CDU: 81'322.5(=088)

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção  
do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa

Documento assinado digitalmente



JULIANE DE SOUZA MIRANDA  
Data: 23/06/2023 09:14:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**JULIANE DE SOUZA MIRANDA**  
UFAL - Campus do Sertão

**DATA DE AVALIAÇÃO: 01/06/2023 BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.ª Dra. Débora Massmann  
(Orientadora - UFAL)

Documento assinado digitalmente



JESSICA DE JESUS SANTOS  
Data: 09/06/2023 22:46:54-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.ª Ms. Jéssica de Jesus  
Santos  
Coorientadora

Documento assinado digitalmente



FABIA PEREIRA DA SILVA  
Data: 09/06/2023 13:51:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.ª Dra. Fabia Silva  
Examinadora Interna

---

Prof.ª Esp. Saete  
Bernardo

Examinadora Externa

Delmiro Gouveia, 01 de junho de 2023.

*À minha mãe (in memoriam) que esteve  
comigo enquanto minhas raízes cresciam.  
Carregarei com orgulho as flores que  
cresceram em minha cabeça na forma de  
cachos como marcas encaracoladas da  
presença dela em mim.*

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida e pela força de ter resistido, ainda criança, as dores causadas pelo racismo quando eu não entendia ainda o porquê de estarem me ferindo e ter me submetido a violência simbólica dos produtos químicos por muitos anos.

À minha mãe, que não está mais aqui para me ver concluindo a graduação que tanto sonhou comigo, à ela agradeço todas as minhas conquistas por ter sido quem mais me apoiou nos estudos e me ensinou as maiores lições.

Ao meu pai, que na minha infância colocava, pacientemente, minhas músicas preferidas para tocar pela manhã quando eu acordava para ir à escola, que mesmo trabalhando esforçava-se para me deixar todos os dias no colégio no Ensino Médio, e com seu jeito particular sempre se fez presente durante minha trajetória.

À todos os meus professores pela competência, paciência e pela sabedoria que compartilharam comigo.

Aos meus amigos da graduação Diógenes, Adrean e em especial Laysla e José que levarei para a vida inteira, um encontro de almas que me deram força durante momentos difíceis na graduação e continuam sendo minha base.

À todas as pessoas negras que perderam a vida tendo sua força de trabalho exploradas e foram arrancados de seu país, de seu idioma, cultura e que foram desumanizados por longos anos de exploração.

À todas as mulheres negras que compartilham suas histórias, revisitam suas dores e levam cura para outras mulheres, construindo a própria identidade ao encontrar a própria voz.

*é triste  
que existam meninas virgens, mas seus  
cabelos não  
e naturalizemos a beleza pela dor  
a ponto  
de parecer normal  
o ferro quente carinhosamente  
chamado de chapinha,  
queimaduras de hidróxido de sódio e  
guanidina  
me avisa quando começar a arder  
pra gente lavar, tá*

*(Stephanie Borges)*

## RESUMO

A partir do período da colonização no século XV, o contato do povo africano com o colonizador europeu fez com que a identidade do negro fosse moldada a partir do olhar do branco. Devido a relação de hierarquia com a imposição da submissão do povo negro ao colonizador, os traços fenotípicos dos africanos passaram a ser vistos como inferiores em comparação aos europeus. A cor da pele, largura do nariz, da boca e textura do cabelo tornaram-se símbolos da negritude, sendo colocados no lugar de feios, ruins, exóticos que precisavam de algum procedimento estético de mudança que aproximasse do ideal da normalidade ocupado pelo branco. Dentre esses traços, o cabelo costuma ser o primeiro a sofrer ataques racistas desde a infância pelas crianças negras. A pessoa com cabelo crespo sofre pressão estética para que a textura dos fios seja modificada, alisando-a para tornar-se mais próxima do padrão de beleza que se baseia nos traços europeus. Com relação a essa pressão estética, a mulher negra acaba sofrendo opressão com maior intensidade por ter que sobreviver a uma sociedade machista e racista. Desse modo, o objetivo da pesquisa é analisar como a pressão estética com relação ao cabelo relaciona-se com o racismo impregnado na sociedade desde a colonização, como essa pressão atinge as identidades e, ainda, a importância de fazer um recorte com relação as mulheres negras devido ao impacto racial e de gênero. A partir do dispositivo teórico – analítico de Michel Pêcheux (1969) e dos fundamentos de Eni Orlandi (2012), foram analisados comentários da rede social *Instagram* com ataques racistas direcionados ao cabelo crespo de crianças negras filhas da atriz Samara Felippo, administradora da conta “Muito Além de Cachos” voltada para acolhimento e estímulo da autoestima de outras crianças a partir do cabelo. As contribuições de Gomes (2012), Kilomba (2019), Bittencourt (2020) e Hooks (2014) deram o fundamento teórico para as discussões acerca do racismo e sexismo. A partir das análises foi possível verificar que os discursos que circulam socialmente sobre o cabelo crespo ser ruim e precisar de alisamento remete a uma memória discursiva do já-dito sobre a pessoa negra que reatualiza a voz do colonizador, sendo um discurso dominante que cristalizou o sentido de que a pessoa negra é inferior e carrega no corpo os traços biológicos dessa inferioridade. Por isso a importância dos novos espaços de discussão e disseminação da ideologia do Feminismo Negro nas redes sociais que leva novos efeitos de sentido, permitindo a liberdade para a pessoa negra e construção da identidade a partir de sua própria voz.

**Palavras - chave:** Análise de Discurso; Cabelo crespo; Feminismo Negro; Racismo

## **ABSTRACT**

Since the colonization period in the 15th century, the contact between African people and European colonizers caused the identity of Black people to be shaped from the perspective of white people. Due to the hierarchical relationship with the imposition of submission of Black people to colonizers, the phenotypic traits of Africans began to be seen as inferior compared to Europeans. Skin color, nose and mouth width, and hair texture became symbols of Blackness, being seen as ugly, bad, and exotic, in need of some aesthetic procedure to change them closer to the ideal of normality occupied by white people. Among these traits, hair usually suffers racist attacks from childhood by Black children. People with kinky hair face aesthetic pressure to change their hair texture, straightening it to become closer to the beauty standards based on European traits. Regarding this aesthetic pressure, Black women end up suffering oppression more intensely because they have to survive in a sexist and racist society. Thus, the aim of the research is to analyze how the aesthetic pressure related to hair is related to the racism ingrained in society since colonization, how this pressure affects identities, and the importance of focusing on Black women due to the racial and gender impact. Using the theoretical-analytical framework of Michel Pêcheux (1969) and the foundations of Eni Orlandi (2012), comments on the social network Instagram were analyzed, with racist attacks directed at the kinky hair of Black children who are daughters of the actress Samara Felippo, who runs the account "Muito Além de Cachos" aimed at welcoming and promoting self-esteem of other children based on their hair. The contributions of Gomes (2012), Kilomba (2019), Bittencourt (2020), and Hooks (2014) provided the theoretical basis for discussions of racism and sexism. From the analyses, it was possible to verify that the discourses circulating socially about kinky hair being bad and in need of straightening refer to a discursive memory of what has already been said about Black people that reactivates the voice of the colonizer, being a dominant discourse that crystallized the sense that Black people are inferior and carry the biological traits of this inferiority in their bodies. That is why new spaces for discussion and dissemination of the ideology of Black Feminism on social networks are important, as they bring new effects of meaning, allowing freedom for Black people to construct their identities from their own voices.

**Key Words:** Discourse Analysis; Afro Hair; Black Feminism; Racism

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 - Print (1) da página Muito Além de Cachos.....	11
Figura 2 - Print (2) da página Muito Além de Cachos.....	28
Figura 3 - Print (3) da página Muito Além de Cachos.....	29
Figura 4 - Print (4) da página Muito Além de Cachos.....	29

## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 - A ANÁLISE DE DISCURSO.....</b>	<b>14</b>
<b>3 - O LUGAR DO CABELO CRESPO NO MOVIMENTO NEGRO.....</b>	<b>18</b>
<b>4 - FEMINISMO NEGRO: DANDO VOZ AOS CORPOS (IN)VISÍVEIS.....</b>	<b>23</b>
<b>5 - A TEXTURA DA LIBERDADE: ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS DO <i>INSTAGRAM</i>.....</b>	<b>28</b>
<b>6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>7 – REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>

## 1- INTRODUÇÃO

*Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.*

*(Carolina Maria de Jesus)*

O cabelo representa parte da identidade negra que carrega uma história de luta, tendo passado através da história pela mutilação feita pelos colonizadores europeus, mas nos últimos tempos fazendo parte do processo de autoafirmação ao ser uma das partes centrais na construção da autoestima da pessoa negra. Os fios crespos reafirmam por meio de uma característica fenotípica que seus corpos e identidades existem a partir de suas próprias vozes e traços, apesar do apagamento e silenciamento pela voz do branco colonizador a partir do século XV. Desse modo, devido ao fato dos cabelos crespos serem símbolo da negritude, esse traço fenotípico acaba sendo alvo de ataques racistas desde a infância.

Esses ataques podem acontecer em ambientes reais ou virtuais por meio da interação nas redes sociais. Devido ao fato das redes serem um espaço de circulação de diversos discursos, é comum o compartilhamento de diferentes posicionamentos, opiniões e informações. No que tange a questão racial, as redes sociais trouxeram libertação por meio de grupos que se transformaram em espaço de acolhimento para pessoas negras. No entanto, também circulam nesses espaços discursos com teor racista que ofende, oprime e violenta as identidades negras. Por esse motivo, é preciso refletir acerca do que está na base desses comentários racistas na tentativa de desconstruir a força e o efeito dessas falas, pois o discurso dominante continua sendo atualizado em outros dizeres que circulam nos espaços.

Pensando nisso, a pesquisa neste trabalho visa analisar comentários do *Instagram* com relação à constituição dos discursos racistas sobre mulheres negras centralizados na estrutura do cabelo crespo, sendo o cabelo uma das materialidades na qual o racismo se expressa impondo uma suposta obrigatoriedade do alisamento, ou seja, de se moldar à estética eurocêntrica da mulher branca de cabelo liso. Busca-se então, a partir da Análise de Discurso alinhada aos estudos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, perceber as condições de produção que fomentam esses enunciados que sustentam o processo de produção do discurso, entendendo também a noção de memória discursiva para compreender quais dizeres acabam sendo atualizados pelos discursos presentes nos comentários objeto dessa pesquisa.

De acordo com Coutinho (2011), desde o movimento *Black Power* surgido na década de 1960 nos Estados Unidos, o uso do cabelo natural passou a ser visto como modo de resistência à opressão colonial que tenta impor o cabelo liso como ideal de beleza. Desde então, os cabelos crespos passaram a ser vistos com mais frequência nas ruas, principalmente depois das redes sociais. Esse fato se deve, em boa parte, ao movimento promovido através das redes onde muitas blogueiras iniciaram o processo de transição capilar - que se refere ao tempo de sair do alisamento pela química ao cabelo natural -, incentivando outras meninas e mulheres a fazerem o mesmo<sup>1</sup>. Com a representatividade, como em um efeito dominó, cada vez mais mulheres acabam sentindo-se incentivadas e seguras para fazer o mesmo.

Através desse processo é possível perceber o modo de funcionamento do discurso, pois segundo Pecheux, “o discurso é o efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, [1998], 2009). Por meio da linguagem, o sujeito projeta uma ideologia visando perpetuar sua visão de mundo. A partir dos efeitos de sentidos que são interpretados pelo outro, este identifica-se e assume uma posição - sujeito no discurso, ambos atravessados pela língua e pela história em determinado contexto cultural e ideológico. A circulação desses discursos vindos do Feminismo Negro carrega valores que influenciam a forma como as pessoas – em especial as mulheres - negras compreendem e interpretam o mundo.

Tal processo tem uma importância fundamental na autoestima dessas mulheres, que tiveram, na maioria das vezes, os cabelos alisados desde a infância devido a imposição de um padrão de beleza eurocêntrico que considera o cabelo liso como o único bonito, classificando o crespo e cacheado como “feio” ou “ruim”. Voltar a esse cabelo também promove uma identificação com a própria identidade negra, sabendo que é uma das características fenotípicas que faz parte da negritude.

Apesar disso, as redes sociais também dão espaço para que discursos racistas ainda sejam produzidos, apresentando-se como uma agressão às vidas negras que perpassam o corpo, a estética, o cabelo, atingindo a identidade e autoestima da pessoa. Foi o que aconteceu na conta do *Instagram* da atriz Samara Felippo, mãe de duas crianças negras de cabelos crespos. A atriz promove ações com o objetivo de proporcionar representatividade positiva para as filhas,

---

<sup>1</sup> Alguns homens em contato com ideologias influenciadas pelos Movimentos Negros de aceitação da textura capilar como parte de construção da própria identidade também deixaram os fios naturais crescerem. Porém, segundo Pacheco, o processo que as mulheres passam é diferente dos homens, já que existe um tabu com relação aos cuidados estéticos e, no caso de homens negros com cabelo crespo, espera-se que eles sejam cortados curtos. (PACHECO, 2019; p. 43). Nesse caso, é comum os homens se submeterem a deixar o cabelo crescer, sem necessariamente passarem pela transição capilar já que não passaram por um processo químico.

devido a essa falta nos meios de comunicação convencionais. Para isso, criou um canal no *Youtube* e uma conta no *Instagram* com o nome de “Muito além de cachos” (Figura 1) para alcançar mais mães na mesma situação, compartilhando dicas de leituras, técnicas de finalização do cabelo das crianças, entre outros conteúdos.

Figura 1 - Print (1) da página Muito Além de



Fonte: Página Muito Além de Cachos

Em uma das postagens da conta no aplicativo *Instagram*, uma internauta comentou em sequência: “Cabelo horrível, bota alisante nisso!”, “Tem que alisar esse cabelo!”, “Não sou fake não, sou realista, cabelo de suas filhas são horrorosos!”, causando muita revolta por parte dos seguidores da atriz que engajam em suas postagens com propostas antirracistas. Formulações como essas constituem o corpus deste estudo que busca compreender o processo discursivo posto em funcionamento em discursos racistas que tomam o cabelo como objeto de ataques.

A presente pesquisa é baseada nos postulados teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) ancorada nos estudos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. A AD leva em consideração três grandes áreas que são a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo. Ela parte do pressuposto de que a língua não é transparente, pois mobiliza diversas concepções ideológicas resultando na multiplicidade de sentidos.

Esse estudo contribui para o desenvolvimento de questões teóricas da Análise de Discurso, a partir do momento em que busca compreender questões de linguagem na sociedade referentes aos discursos racistas que exercem opressão de todas as formas, inclusive estética, entendendo, através da análise discursiva, como o racismo age sobre a estigmatização do cabelo crespo com a imposição de um padrão de beleza eurocentrado, compreendendo aspectos históricos e ideológicos do racismo, percebendo o lugar do cabelo natural para a identidade das mulheres negras para ver a ressignificação estética como forma de resistência, promovendo com base na

ciência a compreensão de fenômenos sociais e questionando a hipótese de que somente o cabelo liso é considerado bonito e aceitável, enquanto os cabelos crespos e cacheados são estigmatizados socialmente.

Considerando que os discursos são constituídos pela língua enquanto materialidade e que carregam sentidos, é possível dizer que esses sentidos atuam na construção de diversas identidades, já que existem vários sentidos possíveis. Sendo assim, é indispensável analisar quais discursos estão sendo circulados no que se refere as identidades negras, percebendo que discursos racistas ainda circulam socialmente devido a hegemonia de uma classe dominante que se coloca como centro, compostas por pessoas brancas. É a partir dessa investigação discursiva que é possível questionar os discursos para compreendermos que relação eles carregam com a história e que não são, em nenhuma hipótese, os únicos sentidos possíveis nem verdadeiros, pois partem de um lugar de violência com relação às pessoas negras e todas as suas características.

Para obter as respostas relativas a problemática desse estudo, foi utilizada a pesquisa qualitativa fazendo-se uso das teorias da Análise de Discurso a partir de comentários do *Instagram*. Os textos foram analisados considerando como categorias de análise principais as condições de produção e a memória discursiva. Para entender o *corpus* analisado nessa pesquisa foi feita uma revisão bibliográfica acerca da formação da identidade negra entendendo como os discursos foram sendo formados desde a colonização com a escravização do povo negro.

Para alcançar o que propomos, a pesquisa foi dividida em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos um breve histórico acerca da Análise de Discurso, passando pelo contexto histórico de seu surgimento até o entendimento das categorias de análise que foram utilizadas no *corpus* analisado. No segundo, foi explicado o lugar do cabelo crespo no movimento negro, esclarecendo que esse traço fenotípico não se resume a estética negra de modo esvaziado, mas como um símbolo de resistência frente a lutas políticas e sociais que acontecem há muitos anos, em vários lugares do mundo onde as pessoas negras sempre precisaram/precisam lutar pela sua própria existência. Nesse capítulo, falamos sobre a história do alisamento capilar, o movimento Black Power e dos Estados Unidos na segunda metade do século XX.

No terceiro capítulo, trouxemos a noção de Feminismo Negro e o lugar do corpo da mulher no movimento para mostrar que a pressão estética sofrida pelas mulheres negras acontece com maior intensidade em comparação as mulheres brancas e até mesmo ao homem negro. Dentro de uma sociedade marcada pelo machismo e racismo, a mulher negra se encontra na base da pirâmide social tendo que lutar duplamente em uma sociedade que exerce sobre ela

a opressão racial e de gênero, sendo diferente de questões enfrentadas dentro do Feminismo pelas mulheres brancas.

Nesse capítulo também pontuamos como movimento em prol da aceitação da estética capilar tem sido benéfico para muitas mulheres negras que passaram a enxergar esse traço como parte de sua identidade e conectando-se com a própria ancestralidade que foi silenciada por muitos anos devido a força opressora exercida pela classe dominante ocupada pelo branco colonizador. Finalmente, no último capítulo foram feitas as análises dos comentários da página do *Instagram* a partir das categorias de análise condições de produção em sentido estrito e lato e memória discursiva.

## 2 - A ANÁLISE DE DISCURSO

*os cabelos guardam  
histórias de origens  
as passagens do tempo  
todo fio  
contém vestígios  
e carrega desde o princípio  
a iminência de sua  
queda*

*(Stephanie Borges)*

Neste capítulo apresenta-se uma breve descrição acerca da área da Análise de Discurso e das categorias utilizadas para a pesquisa, sendo elas as condições de produção e memória discursiva. Essas categorias serão descritas com mais detalhes no capítulo das análises juntamente com os recortes discursivos que foram analisados, contextualizando em cada recorte retirado da página do *Instagram* intitulada “Muito Além de Cachos”.

A Análise de Discurso ocupa seu espaço em um lugar de entremeio entre outras áreas, que são a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo. A Análise de Discurso questiona cada uma dessas áreas, encontrando-se em um ponto em comum: a não transparência. A Linguística mostra que a língua tem sua materialidade e, por isso, não é transparente. O Marxismo demonstra que a história não é transparente e, por fim, a Psicanálise revela que o sujeito não é transparente nem para ele mesmo. Desse modo, a Análise de Discurso trabalha a perspectiva do sujeito, história e língua, formulando, a partir dessas três áreas, o que é o discurso.

Nos anos 60 do século XX, iniciou-se um questionamento feito por alguns teóricos com relação ao processo de leitura. Segundo Orlandi (2006) existia, a partir daí, a necessidade de encontrar um aporte teórico para o ato de ler, desnaturalizando-a. Por esse motivo, abriu-se um espaço para pensar sobre o a interpretação e o texto, dando o espaço necessário para que a Análise de Discurso pudesse começar a se desenvolver. Porém, apesar do questionamento com relação a leitura ter sido o que abriu espaço para o nascimento dessa área de conhecimento, é fundamental salientar que a leitura foi colocada em suspenso, dando lugar ao sentido contido no discurso como questão fundamental.

A noção de discurso trazida pela Análise de Discurso considera o sujeito em suas interações sociais, incluindo as relações de poder e saindo da noção de língua como um conjunto de códigos. O discurso não funciona como transmissor de informações entre os interlocutores, mas como efeitos de sentidos que dependem das condições de produção. Sendo assim, o que é

falado pelo sujeito é resultado dos sentidos que dependem do contexto social, histórico e ideológico. A Análise de Discurso explica o modo como os textos estão em funcionamento na sociedade, chegando as formações ideológicas no contexto analisado.

Para a Análise de Discurso, o que é falado não é somente uma mensagem transmitida ao interlocutor que a absorve passivamente por meios dos códigos linguísticos. Sob o olhar dessa área de estudos, o discurso funciona como efeito de sentido entre os interlocutores. Eni Orlandi (2006), trazendo Pêcheux diz que:

Dizer que o discurso é efeito de sentidos entre os interlocutores significa deslocar a Análise de Discurso do terreno da linguagem como instrumento de comunicação. Além disso significa, em termos de esquema elementar da comunicação, sair do comportamentalismo que preside a relação entre interlocutores como relação de estímulo e resposta em que alguém toma a palavra transmite uma resposta a propósito de um referente e baseando-se em um código que seria a língua, o outro responde e teríamos o circuito da comunicação. Ambos estão sempre já tocados pelo simbólico [...] (PECHÊUX, 1969 *apud* ORLANDI, 2006).

Para a noção de sujeito na Análise de Discurso, Pêcheux traz a proposta de que ele se constitui na relação com a ideologia. Esse processo acontece por meio do discurso, que é o objeto central de estudo e fundamento da Análise de discurso. O discurso não é uma materialidade pronta e fechada a ser revelada, não é algo que está em um lugar completamente definível esperando por um analista que possa decifrar sua mensagem oculta (PÊCHEUX, [1988] 1995). O discurso é entendido como um efeito de significados entre sujeitos, construídos social e historicamente (ORLANDI, 2000, p. 21).

Na Análise de Discurso, o discurso se materializa na superfície linguística. É por isso que, para se observar o funcionamento do discurso, é necessário observar a linguagem em funcionamento, que por sua vez, significa levar em conta a historicidade de cada enunciado. A historicidade é um conceito fundamental porque difere da história entendida como algo externo, influenciando assuntos e ditos, mas de relações de significados, processos de constituição de sujeitos e seus discursos. Orlandi (2007) esclarece que:

Com a AD – e isto que estamos chamando de historicidade – a relação passa a ser entendida como constitutiva. Desse modo, só se pode pensar um temporalidade, essa é uma temporalidade interna ou melhor, uma relação com a exterioridade tal como ela se inscreve no próprio texto e não como algo lá fora, refletido nele. Não se parte da história para o texto – avatar da análise de conteúdo –, se parte do texto enquanto materialidade histórica. A temporalidade (na relação sujeito/sentido) é a temporalidade do texto (ORLANDI, 2007, p. 55).

Devido a essa historicidade, todo discurso também tem como característica o fato de ser heterogêneo. Isso que dizer que cada discurso é composto de muitos outros que foram falados

antes em diferentes momentos da história. O sujeito do discurso, porém, não tem consciência disso e, ao se identificar com uma ideologia, pensa ser ele mesmo autor do próprio dizer naquele determinado contexto. Para Pêcheux (1995, p. 171-172), quando o sujeito se identifica com uma ideologia, ocorre um "assujeitamento ideológico". Nesse sentido, o sujeito acha que se posiciona diante de uma ideologia e que esse posicionamento é original. Quando ocorre esse assujeitamento, o indivíduo é interpelado em sujeito, retomando sentidos anteriores, mesmo que estejam inseridos no esquecimento.

Segundo Orlandi (2015), esse fato é chamado de esquecimento ideológico, que acontece quando o sujeito esquece que é interpelado pela ideologia e que não é a origem de seu dizer. Sobre esse esquecimento, ela diz que "é causado pelo inconsciente e resulta da forma como somos influenciados pela ideologia" (Orlandi, 2015, p. 33). O discurso é constituído sempre no que já foi dito. O interdiscurso é entendido como o conjunto de tudo o que já foi dito e esquecido, que é a base e fundamento da atividade discursiva.

Além desse esquecimento, chamado de Esquecimento 1, a autora também conceitua o esquecimento dois. Nele, o sujeito possui a ilusão de que tudo que é dito por ele tem apenas um significado que será entendido pelo interlocutor, com a ilusão de que sabe e controla tudo o que diz, esquecendo-se que o discurso se constitui pela retomada do que já foi dito (PÊCHEUX, 1997 *apud* ORLANDI, 2006).

Para Orlandi (2015), analisando as condições de produção, é possível perceber a relação que se estabelece entre a língua com os sujeitos e com as condições em que esses dizeres são produzidos, entendendo a historicidade que compõe esse discurso. As condições de produção são analisadas no sentido estrito – levando em consideração o contexto imediato – e o sentido amplo, que considera o contexto sócio-histórico e ideológico. Elas fazem emergir as localizações sociais, as condições de poder, as tensões entre o "já dito" e o "por dizer" e as posições ocupadas pelos sujeitos discursivos.

A partir das condições de produção do discurso é possível compreender o interdiscurso, que segundo Orlandi, é "o saber discursivo que possibilita todo dizer e que retorna na forma do pré-formado, já dito e que é a base do dizer" (ORLANDI, 2001). O "já dito" se refere à memória discursiva, constituindo significados que foram dados ao longo do tempo e que reaparecem no discurso. O "já dito" é materializado no discurso como aquilo que já foi falado em algum momento na história, sendo atualizado com saberes e as vozes apropriadas pelo sujeito ao tomar como objeto de seu discurso. Outros discursos se inserem naquilo que o sujeito considera ser seu, vindos de diferentes formações discursivas, trazendo consigo enunciados e significados.

Considerando o *corpus* deste estudo que é composto por comentários da seguidora da página no *Instagram*, observa-se que autora dos comentários tenta colocar em funcionamento relações de poder, utilizando-se para isso da posição de onde ela fala, regulando os sentidos por meio do uso da linguagem. O que ela diz não é apenas dela, por mais que tenha essa ilusão, mas é construído a partir de condições sócio-históricas e ideológicas. E é na análise das condições de produção e da memória discursiva que é possível analisar quais são os dizeres que estão sendo atualizados. Como afirma Orlandi (2001), é na leitura discursiva, partindo do texto para chegar ao discurso que se pode observar a relação linguagem-exterioridade-historicidade.

## 2. O LUGAR DO CABELO CRESPO NO MOVIMENTO NEGRO

*boa parte do olhar é curiosidade. há quem  
[considere coragem,  
as crianças sorriem. o volume faz parte,  
[perder o receio e ocupar  
espaço, é por isso que há poder em seu nome*

*e embora hoje transição seja a palavra  
há um tempo era assumir  
repare a estranha necessidade  
de quem se apropria do que sempre foi seu.  
(Stephanie Borges)*

O racismo utiliza como ferramenta de dominação o discurso de inferiorização dos traços negróides. Segundo Lacan (1998), a identidade de um sujeito é construída na relação com um outro, ou seja, é na relação social diante dos olhares externos que alguém compreende quem é dentro de um determinado grupo social. Considerando uma sociedade que se sustenta em discursos racistas, o sujeito negro pode ficar preso ao olhar que sempre o inferioriza e que o distancia de qualquer ideia de beleza. Isso acontece porque sob o domínio de determinadas formações ideológicas, o sujeito toma a realidade como um sistema de evidências, ou seja, tem a ilusão de que os discursos são “significações experimentadas” (ORLANDI, 1996). No livro “Pele Negra, Máscaras Brancas”, Frantz Fanon (1952) diz que “os olhares do outro me fixaram lá” referindo-se ao aprisionamento de si nesse lugar quando tem sua identidade construída a partir dos discursos vindos da branquitude.

A discussão acerca do cabelo crespo pode ser equivocadamente interpretada como superficial e sem forte impacto nos discursos racistas que circulam socialmente. Porém, essa parte do corpo carrega uma importância simbólica com legado histórico e político que foi alvo de imposição de ódio ao longo do tempo, resultando na construção de subjetividades julgadas como inferiores devido aos traços físicos. Desse modo, falar sobre cabelo é fundamental, pois, sendo o discurso o meio por onde se propaga a imposição de ódio, o corpo acaba sendo alvo dessa ferramenta de dominação que constroi identidades, fazendo com que as pessoas negras com cabelo crespo comecem a se enxergar como inferiores ainda na infância quando enfrentam ataques racistas direcionadas à textura capilar.

O cabelo crespo sempre teve importância cultural para o povo negro, sendo uma marca através da estética de um simbolismo criado como forma de comunicação. Para Gomes (2003), “o significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Assim, os aspectos estéticos assumiam um lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias.” (GOMES, 2003, p. 342). Cada etnia tinha o costume de utilizar diferentes penteados no cabelo crespo, a depender

de classe social, estado civil, entre outras coisas. Morrow (1973) diz que para o trato do cabelo, faziam pentes feitos à mão em madeira que representavam obras de arte, criados especialmente para o tipo de cabelo crespo e feitura dos penteados.

De acordo com Clemente (2010) “os penteados indicavam: status, estado civil, identidade étnica, região geográfica, religião, classe social, status dentro da própria comunidade e até detalhes sobre a vida pessoal do indivíduo” (CLEMENTE, 2010, p.6). Os diferentes penteados utilizados, como as tranças, já tiveram até mesmo importância na alimentação quando eram usadas para esconder grãos de arroz que seriam plantados nos quilombos. Segundo Rolim (2021), cada trança utilizada pelas mulheres negras serviam para estocar essas sementes e traçar caminhos de fuga para os quilombos quando tentavam escapar dos senhores de engenho, imitando o caminho percorrido nos espaços deixados entre as tranças na raiz do cabelo.

Com o início do período colonial e a escravização do povo negro, a liberdade diante do próprio corpo foi perdida. No século XVI com o processo de escravização, a tentativa de apagamento da identidade negra começava a acontecer, sendo o cabelo uma das primeiras partes do corpo e da identidade negra que eram atingidos. Os colonizadores raspavam as cabeças de homens e mulheres negras na vinda para a América, o que para Gomes (2003), era considerado uma forma de mutilação devido a importância que o cabelo possuía para essas pessoas, sendo símbolo de identidade e dignidade. Todos os traços fenotípicos negros passavam a ser vistos em relação com algo primitivo e desumano, muito mais próximo ao animalesco. Nesse sentido, Kilomba (2019) afirma que

Mais do que a cor da pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim” (KILOMBA, p. 127, 2019)

A maior demonstração do lugar dessa “primitividade” que foi dado ao corpo negro é representada pela Sarah Baartman, uma mulher negra que foi levada para a Europa para ser exibida devido a forma que seu corpo era visto. Sarah era exposta em circos frequentados por pessoas brancas, chamado de Circo dos Horrores. Segundo Braga (2015), Sarah inicialmente era exibida como uma fera selvagem, saindo e entrando em uma jaula. Sempre era comparada a animais, servindo para os europeus como uma forma de construir suas próprias identidades colocando-se como humanos e superiores, enquanto o corpo negro era aproximado do grotesco e do bizarro.

Diante dessa construção da identidade negra por meio de olhares que sempre inferiorizavam traços fenotípicos, essa realidade acabou demorando a mudar. Somente por volta de 1858, por meio do abolicionista americano John Swett Rock foi que a estética negra passou a ser olhada com admiração na tentativa de construir um novo discurso que exaltava a beleza do corpo negro. Segundo Oliveira (2018), o discurso do Rock foi o estopim para os movimentos que vieram posteriormente, sempre colocando como um dos objetivos a visão de autodefinição pelo próprio povo negro como tendo características físicas belas. A partir disso, outros movimentos foram surgindo em busca dos direitos civis para as pessoas negras, sempre tendo como parte do movimento a busca pela construção de discursos que exaltassem a beleza da pele negra e do cabelo crespo.

A estética negra passou a sempre ser uma das pautas inseridas nos movimentos em busca dos direitos políticos. Ainda na década de 30, o Movimento Rastafari na Jamaica já promovia por meio do uso dos *dreadlocks*, a ideia de que o cabelo crespo tinha sua beleza e estilo próprios, ideais para serem enrolados no formado do *dread*, valorizando a textura natural do cabelo. Para Barret (1977) “usando *dreadlocks* e elogiando a pele negra e a beleza natural, o movimento foi um símbolo poderoso de liberdade dos padrões estéticos brancos” (Barrett, 1977 *apud* Tate, 2007).

No período pós abolição nos Estados Unidos aconteceu o Harlem Renaissance para movimentar a cena cultural e artística produzida por pessoas negras e, conseqüentemente, também promover valorização da estética. Esse movimento foi o que posteriormente motivou o movimento Black Power e apareceu para tentar atrair olhares da população branca para o que os negros produziam, surgindo a partir da publicação do filósofo Alain Locke do *The New Negro: An Interpretation* (1925). Hillstrom diz que:

O Harlem Renaissance é considerado uma das épocas mais importantes e influentes da história norte-americana. Ele marcou o surgimento de afro – americanos no *mainstream* da arte nacional, música, literatura e cultura, ao mesmo tempo em que proclamava a vitalidade e o caráter único da experiência afro – americana. (HILLSTROM, 2008 *apud* NGANGA, 2021, p. 2)

Nesse momento, era urgente a tentativa de ganhar espaço cultural depois de anos de apagamento de sua cultura, religião e estética. Como a identidade dos negros trazidos da África eram apagadas ao pisarem em solo americano, tendo até mesmo seus nomes trocados por nomes locais, dava-se uma busca pelo reencontro de si, da própria história, produção e identidade. Para isso, também era preciso olhar para os próprios traços fenotípicos a partir do olhar da valorização, tentando afastar-se da imposição da estética do branco que os viam como seres

exóticos.

Entre as décadas de 60 e 70, em luta pela conquista dos direitos civis nos EUA, o partido dos Panteras Negra criaram o movimento *Black Power*, tendo como um dos objetivos a exaltação da beleza negra concentrada na propagação do termo “*Black is Beautiful*”. Esse movimento tinha como intuito o uso do cabelo crespo com orgulho e poder, e quem não usasse nesse estilo, era visto como uma contradição (GAYLES, 1993). O surgimento desse movimento nos Estados Unidos teve influência do que havia ocorrido na África do Sul com a segregação do *apartheid* e a tentativa libertária desse sistema a partir da criação do conceito de Consciência Negra. Todos esses movimentos incluíam em suas pautas políticas a importância da valorização da estética negra.

Apesar de tantos movimentos em busca da mudança do olhar com relação aos traços negroides, os discursos racistas continuaram em circulação, exercendo pressão estética ao colocar como ideal e belo os traços europeus. Na tentativa de se adequar a uma sociedade racista, na busca de autoestima e valorização social, as mulheres negras tentavam encontrar formas de mudar o cabelo. Para esse processo, era comum o uso doméstico do pente quente, uma ferramenta utilizada para alisamento capilar que maltratava o couro cabeludo, provocando queimaduras. Na tentativa de alisar o cabelo para se moldar ao olhar do branco, muitas mulheres sujeitavam-se a esse processo, mesmo sentindo dor.

Cruz, Gomes e Santos (2021) pontuam que “presente nas periferias negras do Brasil, no interior dos países africanos e na memória das mulheres negras mundo afora, o pente quente ou pente de ferro é um objeto-sacrifício: com ele deixamos queimaduras em nossa pele e com ele lutamos para termos um cabelo liso” (CRUZ; GOMES; SANTOS; 2021, p.17). Depois de anos lutando pela própria existência tendo a força de trabalho explorada pelos colonizadores, ainda era preciso lutar para tentar encaixar-se em um padrão estético que não enxergava traços negros como normais e bonitos.

Com o tempo, foi se desenvolvendo no mercado produtos químicos prometendo o efeito de alisamento. Elas entraram na história por volta dos anos 50, com o desenvolvimento posteriormente de diversos produtos que mudavam a estrutura capilar, já que manter o cabelo natural acabava causando muitos ataques racistas. Segundo Queiroz (2019):

A estética negra sofre com ataques racistas desde muito tempo, tais ações podem ser nocivas para a saúde emocional de muitas mulheres negras, que são afetadas da infância à fase adulta, resultando na luta da mulher negra para existir com seu pertencimento racial. Em geral, no Brasil, ter cabelo natural crespo é ser alvo de comentários pejorativos, propagandas e piadas racistas. (QUEIROZ, 2019, p.214)

Sendo assim, para tentar desviar-se dos discursos racistas, muitas vezes a escolha de mulheres negras é a mudança da textura capilar. Os momentos de alisamento são comumente relatados pelas mulheres com muito sofrimento por terem sido expostas a esses processos muito cedo na tentativa de “domar” os fios. As químicas utilizadas no mercado atualmente também expõem a muitos perigos de corte químico ou queimaduras no próprio couro cabeludo. Substâncias como hidróxido de sódio, guanidina e até mesmo a presença de formol em escovas progressivas prometem às mulheres um alisamento cada vez mais eficaz, atendendo a uma demanda social de busca pela aproximação da estética do branco. Porém, a exposição a todo esse processo químico acarreta danos, como o “enfraquecimento dos fios e irritações no couro cabeludo” (DIAS, 2009, p.11)

Segundo Gomes (2019), a ideia do cabelo ruim que precisa ser domado tem ligação com a escravização, sendo necessário dominar esse corpo de onde foi tirada a liberdade sobre si. A violência sofrida no passado continua sendo atualizada mais sutilmente nos discursos, já que é através do processo discursivo que a memória é atualizada a partir dos efeitos produzidos pela posição do sujeito (ORLANDI, 2008). Sendo atualizados, os discursos ainda tem o efeito de sentido de mutilação da identidade negra, tentando apagar as existências e relacionando tudo que vem do povo negro com o que precisa ser eliminado da sociedade.

Considerando que o ser negro é uma identidade construída socialmente, o modo que a pessoa decide usar o cabelo pode ser uma tentativa de camuflar o pertencimento a essa etnia como modo de desviar-se dos ataques racistas. No contexto do Brasil, as crianças começam a enfrentar ataques com relação a seus traços físicos ainda muito cedo quando entram no ambiente escolar e sofrem pressão estética relacionadas a cor da pele e/ou cabelo. É comum a associação do cabelo crespo ao cabelo considerado ruim, sendo que o bom seria o liso do branco europeu. Como vimos, isso é explicado historicamente com o contato dos colonizadores europeus com os africanos, que passaram a enxergar o outro negro como inferior, exótico e primitivo. Esse fato construiu o discurso racista que determina os sentidos contidos em discursos que colocam o cabelo crespo como ruim, já que o branco colocou-se enquanto régua medidora da normalidade e do que é pertencente a beleza. Para Gomes (2019), isso é uma expressão do racismo e quando o sujeito opta pela mudança, é uma tentativa de sair da posição de inferioridade. Sendo assim, quando o sujeito decide pela manutenção do cabelo natural, também escolhe a opção de ter uma autonomia sobre si diante dessa imposição.

#### 4 – FEMINISMO NEGRO: DANDO VOZ AOS CORPOS (IN)VISÍVEIS

*ser mulher é  
ser loira, olhos claros, nunca descabelar-se  
é ter sangue escorrendo entre as pernas & não deixar  
que percebam mesmo que  
você corra  
você nade  
você dance  
[...]  
eu descobri agora que  
não sou mulher  
sou negra, sou apenas uma negra*

*(Lubi Prates)*

A identidade de um sujeito é construída a partir da interação com o outro, pois nenhum sujeito se constitui isoladamente. Segundo Munanga (1994), toda sociedade faz uma determinada seleção de características de sua cultura para ter uma definição de si em comparação ao outro. Quando se fala sobre a pessoa negra, é preciso olhar para a construção dessa identidade tendo como solo conflitos raciais intensos, tendo de um lado a pessoa negra que foi colocada na posição de escravização por longos anos e o homem branco como o “outro” definidor dessa identidade.

Nesse sentido, olhando para uma sociedade racista que coloca a pessoa negra em um lugar de inferioridade, os traços fenotípicos são alvos de ataques racistas que passam a atingir a subjetividade. Carregar, então, esses traços em seu próprio corpo é estar sempre exposto(a) a discursos que tentam impor qual é o lugar do negro em uma sociedade branca eurocentrada. É a partir desse lugar que surgem os discursos racistas com relação ao cabelo crespo, sendo marcador de uma identidade que sofre interferência de um outro que o aponta como inferior, ruim e feio. Segundo Gomes (2012):

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos. (GOMES, 2012, p. 02)

Para a pessoa negra, que já enfrenta desde a infância ataques constantes nos ambientes sociais que frequenta, sua identidade é construída sob olhares que os inferiorizam e os impossibilitam de construir uma autoestima positiva. Segundo Cavalleiro (1999) é ainda na escola que as crianças enfrentam um espaço que as discrimina e as humilha. A imposição de

ódio a essas identidades tem início muitas vezes por meio do cabelo, já que é o traço estético mais marcante da pessoa. Para a mulher negra, porém, os ataques não se limitam a textura do cabelo, pois ainda precisam enfrentar o peso de uma pirâmide social que as colocam na base, já que o topo é ocupado pelo homem branco. Além de ser negra, ser mulher faz com que tenham que encarar uma luta dupla, recaindo sobre elas a opressão racial e de gênero, sendo necessário falar sobre um “racismo genderizado”, conceito trazido pela Grada Kilomba no livro *Memórias de Plantação* (2019).

Essa luta dupla travada pelas mulheres negras acontece contra o racismo e o sexismo. Nos estudos do Feminismo Negro, isso recebe o nome de interseccionalidade, termo sistematizado por Kimberlé Crenshaw em 1989. Foi por esse motivo que surgiu a necessidade de uma vertente dentro do Feminismo que desse voz à essas mulheres, já que até aquele momento do surgimento das lutas feministas e até mesmo dos movimentos negros, não havia nomeação das lutas específicas enfrentadas por mulheres negras. A mulher negra tem, segundo Kilomba (2019), um não lugar, um espaço vazio já que o sujeito do discurso do movimento negro é o homem negro, e dos movimentos feministas é a mulher branca (KILOMBA, 2019, p. 97 - 98)

Esse não lugar dado a mulher negra foi marcado ainda no período da colonização. Elas eram colocadas no mesmo lugar que os homens para trabalhar, exercendo a mesma função e expostas ao mesmo tratamento e castigos. Isso fazia com que fossem vistas como iguais aos homens com relação à força de trabalho, o que explica como historicamente o lugar dado a mulher negra foi muito diferente da branca, até porque mesmo após a abolição, não houve reinserção social das mulheres que foram escravizadas pensando em suas necessidades específicas. O discurso de Sojourner Truth na Convenção de Direitos da Mulher de 1851, denominado “E eu não sou uma mulher?” demonstra isso quando ela diz

E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, apud, RIBEIRO, 2018, p.20)

Angela Davis (2016) traz que enquanto a mulher branca precisava lutar pelo direito ao mercado de trabalho, a negra tinha que lutar pela regulamentação do trabalho que já desempenhavam há anos em estado de total vulnerabilidade e invisíveis socialmente (DAVIS,

2016). Isso demonstra a necessidade e importância do Feminismo Negro enquanto espaço de discussão política, identitária e ideológica para que mulheres negras tenham voz e possam ter suas necessidades reconhecidas na busca pela conquista dos direitos que sempre lhes foram negados.

Foram essas questões que motivaram a mobilização das mulheres negras e fizeram surgir o Feminismo Negro. No Brasil, por volta dos anos 70 e 80 havia presença somente de homens nos lugares de decisão dentro do Movimento Negro Unificado (MNU). Devido ao machismo existente dentro do movimento, as mulheres passaram a falar mais sobre suas demandas específicas, que até o momento eram invisibilizadas como se suas questões fossem as mesmas dos homens. Aos poucos foram conseguindo um espaço maior, foram ganhando voz e conseguindo falar sobre suas pautas, mostrando que sofrem não somente pelas questões raciais, mas também de gênero (DOMINGUES, 2007).

Por sofrerem a opressão de gênero e vivendo em uma sociedade patriarcal dominada pelo homem branco, sempre foi dele o lugar da voz que diz como as coisas são e devem ser. O padrão de beleza não escapou disso, já que o belo era sempre o próximo do angelical, meigo, da mulher branca, delicada de cabelo liso. Para a mulher negra, sobrava o lugar do primitivo, tendo suas características físicas ligadas ao feio, ruim, rejeitável. A própria ideia de feminilidade idealizada socialmente coloca as mulheres negras à margem, já que o feminino é ligado ao frágil, sendo que a mulher negra foi dada o lugar de um ser que resiste a dor, a brutalidade, então muito mais próxima da força masculina. Carneiro (2003) aponta esse fato quando afirma

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não têm dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar. (CARNEIRO, 2003, p. 1)

Devido a essa diferença entre mulheres brancas e negras, a pressão estética sempre atingiu com mais força o segundo grupo. Somente por ser mulher e encarar a relação de poder existente entre homens e mulheres de um modo geral, existe um lugar de vulnerabilidade ao ser

falada e idealizada pelo homem, além de precisar se encaixar no padrão definido por ele. Segundo Matarazzo (1998), foi atribuído ao corpo feminino um ideal de beleza que se caracteriza pelo corpo magro, cabelo longo, liso e pele clara. Isso coloca à margem a estética negra, já que se define em padrões sociais escravistas.

Como esse padrão de beleza é sempre definido culturalmente e a sociedade atual é globalizada com grande influência das mídias e redes sociais, ela fez o papel por muito tempo de disseminadora desse mito da beleza criado por uma visão eurocêntrica e masculina. Segundo WOOLF (1992), esse padrão expressa a manutenção das relações de poder determinados pela política e a tentativa de manter o domínio masculino (WOOLF, 1993, p.15). A mulher negra não se via em nenhum lugar, sem conseguir se enxergar representada nos espaços públicos. Existia um apagamento de sua estética, imitando o apagamento de sua vida como se ela valesse menos, assim como foi colocada no período de escravização como uma vida menos importante e, por isso, explorada.

Isso começou a mudar com o surgimento do Feminismo Negro e ganhar mais força com o surgimento das redes sociais, onde muitas mulheres influenciadas por ativistas do Feminismo Negro encontraram forças, vozes e lugares para encontrar a própria identidade e olharem para si mesmas, para seus traços fenotípicos como traços pertencentes ao belo. Foram as redes sociais que proporcionaram espaço para circulação de textos políticos sobre aceitação da textura do cabelo, cor da pele, formato do nariz, entre outros traços negroides.

O compartilhamento de informações fez com que chegasse em cada vez mais mulheres que iniciaram o processo de transição capilar. Discursivamente, essas informações circulam com novos efeitos de sentidos que são filiados por algumas pessoas. Na transição capilar, as mulheres param de recorrer a técnicas de alisamento e deixam o cabelo natural nascer e crescer com a textura própria, escondidas por anos em produtos químicos. Isso resulta em um processo de empoderamento com tomada de consciência depois de passarem por muitos anos de opressão. Moore (2010) argumenta que

A negritude não é uma corrente estética passageira nem uma pretensiosa escola filosófica; muito menos ideológica ou religião. É, sim, uma forma de consciência oposta ao racismo; um posicionamento ético e moral global frente à racialização das relações humanas. Portanto, um jeito de ser, de pensar, de atuar e de se reconhecer frente à realidade concreta num mundo que, efetivamente, valora e hierarquiza raças (Moore 2010, p. 37).

Durante a transição capilar, muitas mulheres se descobrem negras e se apropriam da sua identidade, tendo o cabelo como símbolo identitário dessa luta e da afirmação de si em uma

sociedade racista. Assumir o cabelo natural diante de uma sociedade racista é uma manifestação que ajuda a combatê-lo, pois quanto mais características negroides a pessoa tem, mais sofre opressão racial. Assumir os próprios traços não se faz, então, somente uma busca por representatividade, mas pelo combate ao racismo (NOGUEIRA, 2006).

As redes sociais, porém, ao mesmo tempo em que dão voz a pessoas que foram oprimidas durante anos, também se constitui como um espaço onde a voz opressora encontra um lugar. A luta nesses espaços acaba sendo muito mais intensa do que fora dele, pois os usuários muitas vezes sequer precisam utilizar o próprio rosto e nome para deixarem algum comentário. Alguns perfis utilizam as redes para agredir verbalmente pessoas negras, agindo de acordo com o racismo enraizado socialmente.

Dessa forma, com o crescimento de perfis no *Instagram*, *blogs* e grupos no *Facebook* com inspirações da estética negra e um grande crescimento de mulheres que iniciaram a transição capilar, também existem os ataques diretamente a esse traço fenotípico, provando a desvalorização da identidade da mulher negra através de sua estética capilar e sentindo o peso do racismo sobre seus cabelos.

## 5 – A TEXTURA DA LIBERDADE: ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS DO INSTAGRAM

*Mulher bonita é que vai à luta!  
Quem tem opinião própria e não se assusta  
Quando a milésima pessoa aponta para o seu cabelo e ri dizendo que  
“Ele está em pé”  
E a ignorância dessa coitada não a permite ver...  
Em pé, armado,  
[...]*

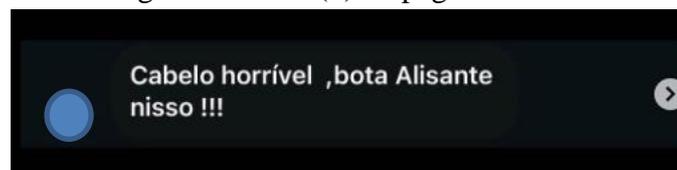
*Pra mim é imponência  
Porque cabelo de negro não é só resistente  
É resistência.*

*(Mel Duarte)*

Antes de dar início as análises dos recortes dessa pesquisa, é importante entender como a Análise de Discurso entende o sujeito. Para Orlandi, a posição sujeito considerada para a análise não é o sujeito empírico, mas o sujeito do discurso. Isso quer dizer que todo sujeito, através de uma projeção na língua, passa para a posição de sujeito no discurso (ORLANDI, 2006). Além disso, o próprio discurso não é somente uma transmissão de mensagem, mas um efeito de sentidos entre os interlocutores. (PÊCHEUX *apud* ORLANDI 2006).

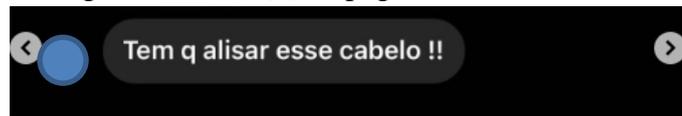
Os recortes analisados (Figura 1, Figura 2 e Figura 3) foram retirados de comentários do *Instagram*, da conta “Muito Além de Cachos” administrada pela atriz Samara Felippo. A artista é mãe de duas filhas negras, utilizando a conta para compartilhar a rotina capilar com os cuidados necessários para cabelo crespo, motivando outras pessoas a cuidarem dos cabelos das crianças. Além disso, compartilha dicas de leituras que tem como objetivo estimular a autoestima de crianças negras através da aceitação da textura capilar. Em uma postagem feita pela atriz mostrando o cabelo das filhas, uma usuária da rede social foi até o *direct* da conta, que é por onde os usuários podem enviar mensagens diretamente para a pessoa que a administra, escrevendo o que se tornou as sequências discursivas dessa pesquisa. Esses comentários foram:

Figura 2 - Print (2) da página Muito Além de Cachos



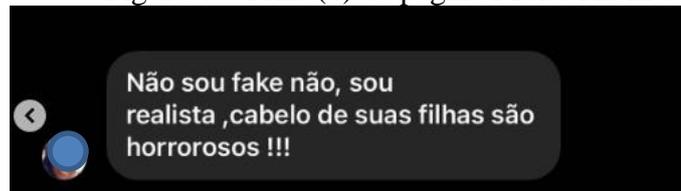
*Fonte: Muito Além de Cachos*

Figura 3 - Print (3) da página Muito Além de Cachos



*Fonte: Muito Além de Cachos*

Figura 4 – Print (4) da página Muito Além de Cachos



*Fonte: Muito Além de Cachos*

Sendo assim, o que se busca analisar na pesquisa não é a pessoa que fez os comentários, mas sua posição sujeito no discurso, percebendo como essa materialidade discursiva está funcionando para produzir sentidos. As sequências discursivas serão analisadas, respectivamente, em R1, R2 e R3. Elas serão analisadas a partir das seguintes categorias de análise: condições de produção em sentido estrito e lato e memória discursiva.

Para Orlandi, as condições de produção “incluem, pois, o sujeito e as situações” (ORLANDI, 2006). As situações podem ser compreendidas em dois sentidos: estrito e lato. O sentido estrito compõe a situação imediata, o contexto em que a enunciação aconteceu. Já o sentido lato corresponde o contexto sóciohistórico e ideológico. Essa separação acontece, porém, para uma melhor explicação da interpretação, pois na prática os sentidos funcionam em conjunto e são indissociáveis (ORLANDI, 2005).

Pensando nas condições de produção em sentido estrito dos recortes analisados (R1, R2 e R3), tem-se o papel das redes sociais enquanto espaço que permite dar voz às pessoas, sendo conseqüentemente um espaço de circulação de diferentes discursos, não somente o dominante. Segundo Bittencourt (2020), a internet proporcionou um espaço que se tornou fonte de informação e espaço de acolhimento ao ampliar as discussões sobre cabelos crespos. Devido a circulação de textos políticos motivados pelas pautas levantadas pelo Feminismo Negro, muitas contas foram surgindo nas redes sociais como forma de alcançar cada vez mais pessoas a deixarem o cabelo natural crescer e aprenderem a cuidar dos fios crespos, já que é muito comum o desconhecimento da própria textura capilar e do modo de cuidado.

Isso acontece porque, desde a infância, muitas crianças negras são apresentadas ao alisamento capilar como forma de trato ao próprio cabelo, não tendo alternativa para manter a textura capilar natural, pelo menos não de forma a ficar livre de sofrer ataques direcionados a

essa parte do corpo. Em uma sociedade racista, “o branco não é somente uma referência social, mas também estética” (GOMES, 2019). Então, acontece uma imposição de mudança da textura capilar para aproximação da branquitude que é reforçada pela força dos discursos dominantes. Um dos lugares de circulação desses discursos é a grande mídia hegemônica que reproduz discursos filiados ao racismo, reproduzindo o imaginário de que a mulher negra não se encaixa no que é considerado belo, dando esse lugar somente aos traços brancos. Nesse sentido, as novelas brasileiras representam muito bem esse fato. De acordo com Vilardo (2021), as mulheres negras passaram a ocupar lugar de protagonismo somente a partir de 2004, mas esse lugar era dado de forma esporádica. Na maioria das telenovelas, o lugar de protagonismo é da mulher branca que serve de referência estética dos traços vistos como normais, bons e bonitos socialmente.

Nesse sentido, é importante perceber o papel da representatividade na construção da identidade da pessoa negra. Essa representatividade deveria ter início na infância no momento de construção da imagem pessoal e conhecimento da própria história. A representatividade é fundamental para que a pessoa consiga enxergar a si mesma de forma positiva, saindo do lugar fixado de inferiorização vindo do olhar da branquitude. Dentro das escolas existe uma legislação desde 2003, a lei 10.369 que trata das questões raciais, trazendo a obrigatoriedade de falar sobre elas nas aulas e nos livros didáticos. Porém, isso nem sempre é cumprido devido ao despreparo dos professores e equipe gestora desde a formação. Isso faz com que ações como da atriz Samara Felippo nas redes sociais tenha ainda mais importância, pois isso faz com que outras pessoas aprendam a respeito da importância da representatividade, conheçam obras que podem ser mostradas às crianças, entre outras coisas que promovem a construção da identidade e autoestima positivas.

Discursivamente, pessoas negras foram identificando-se com os sentidos produzidos através do Feminismo Negro, passando a inscrever-se em uma nova Formação Ideológica e uma nova posição - sujeito. Segundo Orlandi, “[...] a ideologia que faz com que haja sujeitos. O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade” (ORLANDI, 2006, p. 48). Sendo assim, os discursos referentes a valorização da estética negra passaram a ser um espelho por onde as pessoas podiam enxergar-se como parte do belo e construir sua própria identidade. Em outras palavras, a filiação de pessoas negras a discursos que valorizavam a sua estética permitiu a constituição de sujeitos discursivos que passavam a ser olhados a partir do próprio olhar em vez de ser a partir do branco. Esses discursos passaram a circular com grande força nos espaços

virtuais, e nele foi surgindo grupos que estimulam as mulheres a falarem sobre suas próprias dores, visão de mundo, sonhos, proporcionando espaço de hospitalidade (BITTENCOURT, 2020).

A grande mídia hegemônica enquanto aparelho ideológico do Estado, tal como concebido por Althusser (1996), foi por muitos anos transmissora da ideologia da classe dominante formada pela parte branca, rica, eurocentrada da sociedade, excluindo a população negra. Diante do apagamento da própria história e da própria estética, as redes sociais deram voz para quem sempre foi silenciado. Nesse sentido, elas compõem um espaço que permite que pessoas que foram estigmatizadas por longos anos possam finalmente ter espaço. Por outro lado, porém, não é só a parte oprimida que pode falar e ganhar voz nas redes. Também circulam os discursos que se inscrevem às formações ideológicas dominantes que tenta continuar o silenciamento das pessoas negras. Sobre o que é apresentado nas redes sociais, Cunha (2014) salienta que

Os conteúdos apresentados na internet sob diversas formas de expressão e linguagem vão desde a exposição pessoal, coletiva, à divulgação comercial, cultural, artística, educacional, política e à informação em diferentes áreas de conhecimento e interesse dos indivíduos. [...] As influências do avanço de mídias de redes sociais provocam transformações na sociedade, decorrentes da comunicação e da informação, gerando alterações nos padrões das relações sociopolíticas (CUNHA, 2014, p. 13-14).

De acordo com Silva (2018) as redes sociais funcionam como um grande repositório da memória social, pois ela armazena, registra e recupera as informações. Os discursos que circulam nas redes remetem a memórias discursivas de diferentes formações ideológicas. É por isso que as redes sociais acabam sendo um espaço de circulação de discursos opostos, servindo para potencializar as vozes que tentam construir suas próprias identidades, mas também abrigando discursos violentos, intolerantes que pretendem mutilar as minorias não somente no espaço virtual, mas também fora dele.

Como condições de produção em sentido lato, é preciso interpretar os discursos analisando o contexto sócio-histórico e ideológico com relação ao racismo. No período de colonização das Américas, as pessoas negras foram colocadas em um lugar de inferioridade, tendo sua força de trabalho exploradas, sendo retiradas de seu lugar para trabalhar como escravos na América. De acordo com Hooks (2014), era ainda durante o transporte para as Américas que o processo de desumanização dos africanos tinha início. O povo africano sofria agressões constantes como tentativa dos colonizadores de naturalizarem a submissão e a nova

condição de escravos.

Os colonizadores europeus passaram a enxergar os negros africanos como seres primitivos, próximos de tudo que fosse exótico. Para isso, houve o olhar de estranhamento e inferiorização diretamente para os traços fenotípicos que inclui a cor da pele, largura do nariz, lábios e a textura do cabelo. Esse olhar inferiorizado refletido nos discursos sobre o cabelo crespo é o que atinge a autoestima das mulheres que não conseguem encaixar-se e, nessa tentativa, optam pelo alisamento capilar como forma de escape dessa identidade construída para si a partir de uma régua da branquitude. Segundo Gomes (2008), o alisamento capilar acaba sendo uma tentativa de saída do lugar de inferioridade e introjeção dessa identidade distorcida resultado do encontro com um outro branco. A introjeção dessa identidade distorcida pode ter como consequência a tentativa de embranquecimento da pessoa negra para se aproximar cada vez mais do ideal branco eurocentrado. Para essa tentativa de embranquecimento, foram surgindo técnicas de alisamento que tornavam a mulher esteticamente aceitável.

O sujeito do discurso nas materialidades discursivas apresentadas anuncia uma determinada obrigatoriedade de alisamento capilar, categorizando o cabelo crespo como horrível e somente dentro da normalidade caso esteja alisado, ou seja, caso aproxime-se da branquitude já que quanto mais próximo do padrão estético do branco, mais dentro dos padrões de beleza a pessoa estará. Gomes (2008) salienta que a visão do cabelo do negro como “ruim” é “uma expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito (GOMES, 2008, p. 9). E é por isso que existem discursos que impõem uma pressão social com relação ao alisamento, como se a pessoa negra precisasse mudar os próprios traços para fazer parte de uma normalidade que foi discursivamente construída pelo branco europeu.

Sméralda (2004) salienta que as mulheres negras sofrem agressões verbais, químicas e biológicas. Os momentos de alisamento capilar são lembrados com angústia pelas mulheres negras que foram submetidas a processos dolorosos desde a infância. O pente quente, como vimos, pode ser visto como um objeto que remete à tortura (SILVA, 2008). Para a autora, o alisamento capilar impõe a identidade branca enquanto anula a negra. Como é comum o ferro quente causar queimaduras, as marcas deixadas por ele são comparadas àquelas deixadas pelos senhores de engenho nos negros escravizados, marcando a pele como um animal, desumanizando o corpo negro.

Outro fator, que aparece imbricado nos discursos dos recortes R1, R2 e R3 é quando aciona a memória discursiva e o interdiscurso. Segundo Orlandi, a memória discursiva é tratada como interdiscurso e este, “é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar,

independentemente. (ORLANDI, 2006, p. 31). É essa memória discursiva que possibilita o dizer, o chamado já-dito. Nas materialidades discursivas analisadas, tudo que já foi dito sobre as pessoas negras está significando nesse discurso. Os dizeres tiveram construções de sentidos que se reatualizam nesse novo dizer.

O sujeito do discurso atualiza esses sentidos já-ditos em outros momentos da história, marcado pela língua que é atravessada pela ideologia e pelas relações de poder (ORLANDI, 2006). No R1, ao propor o alisamento como solução para o cabelo dito “horrível”, existe um discurso já-dito sobre a única possibilidade de o cabelo fazer parte do belo é se ele for liso, ou seja, se a pessoa estiver fazendo parte da branquitude. O procedimento capilar que visa transformar a curvatura do cabelo crespo mutila não somente essa parte do corpo, mas a identidade da pessoa negra quando é imposto como obrigação, fixando o cabelo crespo no lugar do cabelo ruim que precisa ser adaptado. De acordo com Bittencourt (2020), quando mais crespo é o cabelo, mais será associado ao aspecto do ruim por fazer parte de uma “ancestralidade renegada” (BITTENCOURT, 2020, p. 66). É como se essas identidades fossem fixas ao longo da história, sendo cristalizadas através do discurso dominante do branco colonizador que determina a si próprio e suas características fenotípicas como parte da beleza padrão, do normal, enxergando qualquer outro diferente como estranho e exótico, passível de passar por transformações como tentativa de aproximar-se do que seria o ideal de beleza. Tem-se uma ideia, através do já dito, do que é belo e do que é bom.

No R2, de modo similar ao R1, a memória discursiva acionada remete a um já-dito que fixa o cabelo liso do branco europeu como parte do belo, enquanto as características negroides fazem parte do rejeitável e, por isso, precisam passar por mudanças para se aproximar dos traços do colonizador. Nessa sequência discursiva, as relações de poder estão presentes, inclusive, na escolha lexical com o uso do verbo no imperativo. O uso do “tem que” marca o lugar fixo no discurso, como se ao negro estivesse condenado biologicamente por meio dos traços fenotípicos que carrega, indicando seu lugar de inferioridade, sendo necessária a adaptação a um mundo branco, mudando seus traços físicos para embranquecer e ser passível de aceitação.

No R3, o uso do “não sou *fake*” reforça o discurso dominante. O sujeito retoma o fato de que nas redes sociais é comum que usuários utilizem nomes e fotos de outra pessoa para dizer algo, escondendo-se atrás de uma conta falsa. Além disso, muitas vezes as informações faladas também são falsas, remetendo ao advento das *fake news* que se espalham rapidamente na internet. A necessidade de afirmar que ela não é *fake* já parte de um lugar, de um já-dito, de

uma memória que permite dizer que há *fakes* e não *fakes* como se o fato de ela não estar utilizando de uma conta assim lhe desse o direito de estigmatizar o outro.

O sujeito do discurso desse recorte nega estar fazendo uso de uma conta falsa para disseminar informações também falsas, afirmando que é a sua própria voz falando uma determinada verdade e reforçando a ideologia racista através desse discurso. Na Análise de Discurso, porém, o sujeito tem a ilusão de que é autor do próprio dizer, mas não tem controle sobre a forma que os sentidos são constituídos a partir do que ele fala (Orlandi, 2006). O sujeito tem a ilusão de que ele mesmo é a origem de seu próprio dizer, sem estar consciente de que a materialidade da língua é atravessada por outras vozes através da história. Para Orlandi (2006), as palavras são significadas pela história e pela língua, assim lemos que:

Alguma coisa mais forte – que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua que vai-se historicizando aqui e ali, indiferentemente, mas marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder – traz em sua materialidade os efeitos que atingem esses sujeitos apesar de suas vontades. (ORLANDI, 2006, p. 32)

A escolha lexical do adjetivo “realista” nessa mesma sequência discursiva retoma a memória da ideologia dominante, presumindo a existência de uma realidade determinada e fixa que sempre foi assim, sem ter consciência de que os sentidos são cristalizados por discursos que circulam em determinado contexto sócio-histórico. Eni Orlandi afirma que os discursos dominantes são aqueles com maior força de disseminação cultural, se sobressaindo aos outros e por onde a história tende a se organizar, regulando sentidos e dizeres (ORLANDI, 2005). Através desse discurso dominante, foi naturalizado o imaginário social de que o cabelo crespo é ruim, cristalizando saberes e constituindo uma formação ideológica que filia e retoma o discurso dos colonizadores europeus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, foi possível perceber o papel da linguagem para construção do discurso e, conseqüentemente, das identidades dos sujeitos. Devido ao período da colonização com a hierarquização de brancos sobre negros, o discurso de supremacia branca e inferioridade dos negros acabou sendo dominante. Com esse discurso circulando socialmente e sendo atualizado através da memória, a tendência é que as pessoas negras passem a enxergar-se em um lugar abaixo dos brancos na pirâmide social, construindo uma identidade distorcida.

Essa visão imposta de inferioridade a partir da régua da branquitude passa por muitas áreas da vida e do corpo da pessoa negra, inclusive pela estética. Na estética, a largura do nariz e boca, cor da pele e textura do cabelo são características olhadas pela perspectiva do branco como feias, pois os discursos com relação ao cabelo obedecem a ordem social da branquitude de que somente os traços do branco europeu se encaixam no ideal de beleza. Esses padrões foram criados discursivamente pelo olhar do colonizador que enxergava os negros que traziam da África como seres primitivos e exóticos, como se a marca da diferença dos traços físicos fossem prova da inferioridade e desumanidade dos africanos escravizados.

Quando se fala em padrão de beleza com relação as pessoas negras, é importante considerar que a pressão estética exercida sobre a mulher é maior quando comparada ao homem negro. Isso acontece devido a inteseccionalidade, que é a pressão de gênero e racial que a mulher sofre por estar em uma sociedade machista e racista. A pressão estética sofrida pela mulher negra é imposta pelo discurso masculino que tem no imaginário do que é ser uma mulher e fazer parte do feminino os traços brancos, meigos e cabelo liso. Esse imaginário exclui a mulher negra do padrão estético, tendo impacto na autoestima delas que podem acabar escolhendo o alisamento como forma de enfrentamento a esse padrão que lhe é imposto.

Quando a estrutura capilar não atende ao liso, é comum comentários relacionando o cabelo com o aspecto do ruim e do sujo. Devido a isso, existe uma pressão com relação ao processo de alisamento capilar como forma de aproximar da estética branca, até porque quanto mais próxima desse lugar, menos rejeição social motivada pelo racismo a pessoa sofre. O alisamento acaba sendo uma tentativa de aproximação aos traços europeus para enfrentamento da opressão racial, sendo considerada uma forma de mutilação, pois o cabelo é uma parte do corpo que marca a identidade da pessoa negra, sendo um símbolo de lutas políticas e sociais.

Devido a essas questões, o Feminismo Negro surgiu com pautas específicas da mulher negra que não conseguia encontrar voz e espaço para falar sobre suas próprias dores

dentro do Feminismo e até mesmo dos Movimentos Negros. Enquanto o Feminismo focava nas questões relacionadas a mulher branca, os Movimentos Negros focavam no homem negro. Enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, por exemplo, as negras lutaram por existência, por um lugar, por um reconhecimento social de que elas eram mulheres.

Os discursos do Feminismo Negro tiveram grande impacto na estética da mulher negra. Dentre os textos políticos que circulam nas redes sociais, muitos promovem a valorização da textura capilar que tem importância simbólica para a identidade. Esse lugar de valorização da textura capilar não foi, porém, exclusiva do Feminismo Negro. Desde os primeiros movimentos abolicionistas nos Estados Unidos, a tentativa de mudança do olhar para os traços negros foi uma forma de enfrentamento contra o racismo e exploração. Movimentos como o *Black Power* teve como uma das pautas o estímulo ao uso do cabelo natural como forma de autoafirmação e orgulho dos próprios traços.

Nas redes sociais, inclusive na conta administrada pela atriz Samara Felippo, os discursos vindos do Feminismo Negro promovem o compartilhamento de informações e obras que permitem a construção da identidade e autoestima positiva para crianças negras. Isso tem uma importância fundamental, pois apesar de haver uma legislação que fala a respeito da obrigatoriedade de falar sobre as questões étnico raciais nas escolas, isso nem sempre acontece. A alternativa, então, é a procura por livros, desenhos, series entre outras coisas que trazem uma imagem da pessoa negra de forma positiva, fungindo de uma visão racista vindo do olhar do branco europeu.

No entanto, os discursos racistas não deixaram de circular socialmente. Após o surgimento da internet e redes sociais, as discussões acerca do racismo e estética negra passaram a acontecer com mais intensidade. Motivadas por discussões levantadas pelo Feminismo Negro através de textos políticos compartilhados nas redes sociais, muitas mulheres iniciaram o processo de transição capilar, que se refere ao abandono das químicas e crescimento natural do cabelo. Discursivamente, os novos efeitos de sentidos propostos foram fazendo com que as pessoas se identificassem e assumissem uma nova posição-sujeito no discurso.

Como o espaço virtual oferece um lugar para que as pessoas falem, o que existe de conflito social é refletido nas discussões que acontecem virtualmente. É assim que pessoas negras que já passaram pela transição capilar acabam recebendo comentários racistas com relação a textura capilar, como aconteceu nos comentários que foram analisados nesta pesquisa. A análise dos comentários mostrou como esses dizeres trazem uma memória do já dito, tendo

explicação no discurso dominante do branco europeu que impõe os próprios traços como ideal de beleza. Os sentidos dos discursos surgem a partir da história da colonização, e quando se fala em um grupo de pessoas que sofreu opressão e exploração por muitos anos, os sentidos atualizados trazem a tentativa de mutilação dessas identidades.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelho ideológico. Um mapa de ideologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BITTENCOURT, Mariany Alves et al. **Reflorescer: histórias de mulheres negras que enfrentaram a transição capilar.** Santa Catarina, 2020.
- BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas.** São Carlos: Edufscar, 2015.
- BORGES, Stephanie. **Talvez precisemos de um nome para isso: ou o poema de quem parte.** Cepe editora, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento: estudos avançados.** Rio de Janeiro, v. 17, 2003.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Identificando o racismo, o preconceito e a discriminação racial na escola. Os negros e a escola brasileira.** Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros, n. 6, 1999.
- CLEMENTE, Aline Ferraz. 2007. **Trança afro: a cultura do cabelosubalterno.** *Diálogos & Ciência.* Revista da rede de ensino FTC. Ano V. n. 11. Set. 2007
- COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A estética e o mercado produtor-consumidor de beleza e cultura.** Anais do Simpósio Nacional de História, São Paulo, SP, Brasil, v. 26, 2011.
- DA COSTA CRUZ, Denise Ferreira; GOMES, Larisse Louise Pontes; DOS SANTOS, Luane Bento. **“Não é só pelo cabelo”: Cabelo crespo e mulheres negras em busca do amor interior.** *Novos Debates*, v. 7, n. 2, 2021.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Boitempo Editorial. São Paulo, 2016.
- DE JESÚS, Carolina Maria; MORAVIA, Alberto. **Quarto de despejo.** Livraria Francisco Alves. São Paulo, 1963.
- DE OLIVEIRA, Luciana Xavier. **Negro é lindo: estética, identidade e políticas de estilo.** *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 12, n. 3, 2018.
- DE SOUZA QUEIROZ, Rafaela Cristina. **Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra.** *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 12, n. 40, p. 213-230, 2019.
- DO NASCIMENTO NGANGA, João Gabriel. **Harlem Renaissance.** *Revista História: Debates e Tendências*, v. 21, n. 2, p. 117-129, 2021.
- DOMINGUES, P. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.** *tempo*, v.12, n. 23, 2007
- DUARTE, Mel. **Negra Nua Crua.** São Paulo: Ijuma, 2016.

FRANTZ, Fanon. **Pele Negra, máscaras brancas**, 1952

GAYLES, Gloria Wade. **The making of a permanent Afro. In: Pushed Back to Strength: A Black Woman's Journey Home**. Boston: Beacon Press, 1993

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório**. Retratos da escola, v. 2, n. 2/3, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e pesquisa, v. 29, n. 01, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

HOOKS, bell. **Não sou eu uma mulher – mulheres negras e feminismo**. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Orfeu Negro, 2019.

LACAN, J. (1998b). **O estádio do espelho como formador da função do eu**. Em J. Lacan, Escritos (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1949).

MATARAZZO, Claudia. **Beleza 10: Um guia de cuidados para todas mulheres**. São Paulo: Senac, 1998

MOORE, Carlos. **'Negro sou, negro ficarei!' A negritude segundo Aimé Césaire**. CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a negritude. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

MORROW, Willie. **400 Years Without a Comb**. San Diego: Black Publishers of San Diego. 1973.

MUNANGA, Kabengele. **Cidadania e democracia:algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil**.In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, 19(1), 288, 2006

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso. Princípios e procedimentos**, v. 3, 2006.

ORLANDI, Eni P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours). **Estudos da Língua (gem)**, v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Linguagem e educação social: a relação sujeito, indivíduo e pessoa.** RUA, v. 21, n. 2, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Exterioridade e ideologia.** Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 30, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística.** Brasiliense, 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos.** Pontes, 2001.

PACHECO, Lylian Cristine Santos. **Do estético ao político: uma análise da transição capilar como expressão de mudança cultural no Brasil.** São Paulo, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso : uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni Puccinelli Orlandi et. al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PRATES, Lubi. **Nossos poemas conjuram e gritam.** São Paulo, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?.** Editora Companhia das Letras, 2018.

ROLIM, Maria Rita. **Tranças: além da estética uma forma de sobrevivência.** [S. l.], 2021. Disponível em: <

SILVA, Bianca Gabriely Ferreira; DE FARIAS, Salomão Alencar; DE SOUSA JÚNIOR, João Henriques. **O significado do sacrifício nos rituais de alisamento capilar e autoimagem feminina.** *Ciencias da Administração*, v. 22, n. 58, p. 8-21, 2020.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro. 2008. **“Cabelos e memória no museu da maré: reflexões sobre usos e significados do pente quente”.** *Anais do Museu Histórico Nacional* v. 1. (1940). Rio de Janeiro.

SMÉRALDA, Juliette. 2004. **“Peur noire, cheveu crépu – l’histoire d’une aliénation”.** *Éditions Jasor, Point-à-Pitre*”.

TATE, Shirley. **Black beauty: Shade, hair and anti-racist aesthetics.** *Ethnic and Racial Studies*, 30:2, 300-319. 2007

VILARDO, Isadora Silva. **Protagonistas negras na Rede Globo: a construção da identidade das mulheres negras no Brasil.** 2017. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 33